



OMEM de pensamento profundo, de conceito rigoroso, de palavra burilada. Homem que, por

dever de ofício, investiga o passado, mas conserva o olhar muito atento no presente. Homem interventivo, de gestos simples e rosto amigável. Eis, em palavras necessariamente breves, o Professor João Francisco Marques, nascido na Póvoa de Varzim, em 1929. Para além de estudar nos seminários arquidiocesanos de Braga, tendo seguido o sacerdócio, desenvolveu uma formação paralela em História, licenciando-se pela Universidade de Coimbra. Veio a exercer funções docentes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por onde se jubila agora como professor catedrático e onde regeu várias cadeiras, fixando-se ultimamente na de *Teoria da História e do Conhecimento Histórico* e em seminários de mestrado sobre *Minorias Religiosas*, além de aí ter exercido vários cargos, como o de Presidente do Conselho Directivo. É ainda professor convidado da Universidade Católica e membro de diversos centros de investigação e da Academia Portuguesa de História. No campo da investigação histórica, o Professor João Francisco Marques apresenta uma obra marcada pelo rigor, pela erudição e por uma fina sensibilidade, no domínio da história cultural, com relevo para a história religiosa e da teoria das ideias, tendo várias dezenas de títulos publicados. As suas análises penetrantes no domínio da parentética seiscentista, em que se destacam as obras *Parentética Portuguesa e a Dominação Filipina* (Porto, INIC, 1986) e *Parentética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668, a revolta e a mentalidade* (Porto, INIC, 1989), constituem modelos historiográficos incontornáveis nestes domínios de investigação. Aborda também outras temáticas religiosas (minorias, missão), dedicando ainda a sua atenção à teoria e ao ensino da história ou a autores de relevância cultural como Régio, Pascoaes ou Alberto Sampaio. Embrenhado na

JOÃO FRANCISCO MARQUES

Na hora da jubilação

cultura erudita, não esqueceu a perspectiva da cultura popular, pois foi director do Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, tendo mesmo ganho o prémio inter-

nacional *European of the Year Award*, de 1980, concedido à melhor exposição temática pela sua exposição *Siglas Poveiras*. Foi assessor, na sua especialidade, do realizador Manoel de Oliveira em filmes como *Lisboa Cultural*, *Non ou vã glória de mandar* e *Divina Comédia*, acompanhando-o presentemente noutros projectos. Na hora da jubilação (fim de serviço docente por limite de idade), *O Tripeiro* associa-se, numa discreta homenagem, ao professor e ao homem de cultura, trazendo ao leitor um breve depoimento do Doutor João Francisco Marques.



PROFESSOR JOÃO FRANCISCO MARQUES

*

O eixo central da sua investigação histórica roda em torno da sermonária barroca, particularmente dos desenvolvimentos anti-filipinos que contribuíram para a Restauração. A obra intitulada *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. A Revolta e a mentalidade*, que constituiu a dissertação de doutoramento, é uma referência neste âmbito e representou um contributo decisivo para a renovação da historiografia sobre a cultura em Portugal. Vendo no púlpito o papel dos media de outrora, procura a ligação entre a exaltação veiculada pela sermonária anti-tirânica, com uma vertente profética eivada de sebastianismo, e o comportamento das massas populares, numa perspectiva de história das mentalidades. Que balanço faz deste estudo e como o situa enquanto elemento determinante na sua carreira de investigador?

A descoberta de referências a uma parenética comprometida na resistência ao domínio filipino despertou-me o interesse de conhecer a existência de uma sermonária



COM JOSÉ RÉGIO, FLÁVIO GONÇALVES, FAUSTO JOSÉ, ORLANDO TAIPA, LÚIS AMARO DE OLIVEIRA (1963)

ria impressa que me permitisse a análise do texto. Surpreendeu-me à medida que progredia na investigação a quantidade de espécimes que cobriam afinal todo aquele período historicamente importante, *corpus*, aliás, nunca estudado. O crescendo do espírito autonomista presente numa sociedade que foi aceitando mal a união das duas coroas encontrou, numa literatura apologética que se servia do sebastianismo messiânico, um suporte privilegiado para alimentar o sentimento patriótico da Nação. O púlpito aparecia desta forma como um instrumento ímpar na influência sobre a opinião pública, sensível a uma mentalidade religiosa providencialista, que accionava os símiles bíblicos exemplares na dimensão de culpa e castigo, arrependimento e perdão. O destino pátrio de Nação eleita poderia encontrar nas circunstâncias ocorrentes fundamentações e aproveitamentos para estimular a recuperação da independência e a esperança numa Nova Idade. Foram estas fontes e sua leitura, numa perspectiva contextual, histórica e interdisciplinar, que constituíram a novidade, o escopo pioneiro destes estudos sobre a parenética «política» seiscentista portuguesa, no panorama historiográfico. O desejo de dar continuidade a essa investigação peculiar, nunca assim tentada, levou-me a prosseguir a análise noutros períodos e com outros vectores temáticos. Afinal, um filão interminável.

*

Esta sua preocupação investigativa com a parenética tem sido articulada com o ensino e a reflexão sobre a teoria da história, com particular incidência sobre os grandes mitos cristãos na afirmação da identidade portuguesa. Como perspectiva este tipo de problemática?

O que está subjacente neste tratamento histórico de parenética, apologético-polémica, dos períodos filipino e restauracionista, é, na verdade, um revisitar dos mitos fundadores da Nação, expendido através de uma cultura eclesíastica, teológico-bíblica, jurídica e humanista, que os pregadores detinham. Foram aqueles que moldaram a identidade pátria. Espírito profético e saudosismo conjugam-se no apontar do horizonte que desemboca no mito da Idade de Ouro, paraíso perdido e a reencontrar, que toda a história pátria permitia aproveitar e instrumentalizar na docência universitária. E esta mentalidade, como estes anseios, atravessando as idades, adquirem

uma dimensão de eternidade. Era, no fundo, um irreal que impregnava o real em que se vivia e actuava. Esta concepção implica uma visão teórica do conhecimento histórico que, sempre orientei para a reflexão epistemológica do *como* conceber e construir o saber historiográfico, através das indicações que a história da cultura e o desfiar do quotidiano, de que somos actores e espectadores, nos proporcionam.

*

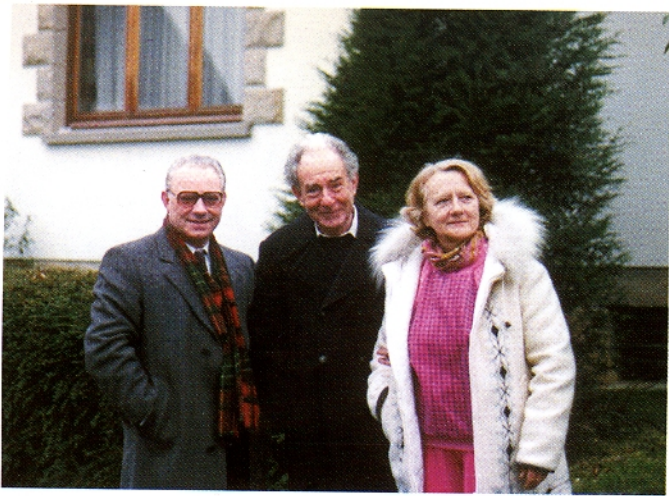
Mais recentemente tem direccionado a sua atenção para a história da Igreja, nomeadamente para o papel da missão ultramarina. Que perspectivas procura abrir neste domínio e que resultados apresenta?

A necessidade, criada pela *Comemoração Nacional dos Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas*, em ordem a recordar o passado, celebrar o presente e preparar o futuro, iniciativa lançada, vai fazer uma década, pelo episcopado português para celebrar o esforço missionário multissecular do país no Além-Mar,

levou-me a conceber um levantamento regional, confinado à Diocese de Braga, que tem vindo a ser concretizado ano a ano, de forma a finalizar no segundo milénio — arciprestado por arciprestado. Esse plano e esquema permitiram-me detectar um esforço, conhecido e anónimo, mas sempre significativo, de homens e mulheres, religiosos e leigos, oriundos da vasta arquidiocese, que desenvolveram uma acção múltipla e relevante, a maioria das vezes ignorada pelos seus concidadãos e sem eco histórico, em campos que vão da catequese à educação, da assistência social à cultura e à ciência. Era uma *história profunda* que se tentava desvendar, assente no labor e voluntarismo, espírito de missão e mesmo de aventura, de tantos designados apenas por missionários. O resultado foi a organização de um elenco dicionarista, que já vai em doze opúsculos, alguns de dezenas de páginas, que permitirá uma visão de conjunto, embora circunscrita a um vasto espaço regional, reflectida em indicadores quantitativos, que têm o toque possível da objectividade. Se este plano fora seguido nas restantes dioceses, teríamos, no ano 2000, uma cobertura histórica de cinco séculos — manancial ímpar para



EM DIÁLOGO SOBRE O MEMORIAL DO CONVENTO (MATOSINHOS, 1990)



COM JEAN DELUMEAN E ESPOSA

múltiplos aproveitamentos e um *corpus* documental precioso, traduzido em tantos volumes quantas as dioceses portuguesas do continente.

*

Uma outra preocupação, particularmente assinalável na medida em que além de historiador é um homem da Igreja, um sacerdote no activo, é a problemática das minorias religiosas, que tem aprofundado com investigação própria e estimulado através dos seminários de mestrado. Que significado assume a opção por este campo de investigação?

Sempre me atraiu o diálogo ecuménico que, num país de maioria católica, passa pelo conhecimento das minorias religiosas multisseculares marcadas por uma reacção que só em tempos bem recentes deixou de ser de intolerância e hostilidade abertas. O seminário do Mestrado de História Contemporânea, dedicado a esta temática, partiu de um incentivo do Professor François Guichard, director do CENPA em Bordéus e investigador do CNRS. Duas perspectivas lhe estão ligadas: a de elaboração de monografias sobre individualidades e confissões minoritárias; e a do estudo da reacção do catolicismo maioritário às minorias religiosas. Assim se procura caminhar ao encontro da globalidade sincrónica e diacronicamente concebidas. As várias dissertações já apresentadas, de inegável qualidade, acerca da Igreja Lusitana, do protestante portuense Henrique da Silva, da actividade da Igreja dominante e de Diogo Cassels, a que se juntarão em breve estudos sobre Eduardo Moreira, Amílcar Paulo, o marranismo norte-nho neste século, a comunidade evangélica do Valdo-

zende, o radicar do islamismo e do hinduísmo em Portugal nesta segunda metade do século, em particular no espaço portuense, são e serão iniciativas de cujo resultado muito poderão aproveitar os estudiosos e os interessados nestas áreas.

*

Como historiador e homem de cultura, ambivalência nunca descurada, o Prof. João Marques participou em numerosas actividades, integrou tertúlias, conviveu com diversos vultos da nossa comunidade cultural. Poderemos destacar as suas amizades estreitas com Luís Amaro de Oliveira, a quem dedicou a tese de doutoramento, com José Régio, com Flávio Gonçalves, entre outros. Como gostaria de evocar estas práticas da sua sociabilidade cultural, em grande parte vividas nos ambientes litorais da Póvoa de Varzim ou de Vila do Conde, perscrutando no mar novos horizontes?

Tive o privilégio de contactar e travar amizade com pessoas de uma qualidade superior nos campos da Literatura e da Arte, que me marcaram e a cujo convívio fiquei devendo muito do que sou: espírito interessado, inquieto e tolerante. Da minha juventude à idade adulta acompanhou-me a estreita amizade de Flávio Gonçalves, malgrado historiador de arte portuguesa da Contra-Reforma e da iconografia religiosa a quem se devem trabalhos pioneiros de obrigatória referência, e de Cruz Pontes, também meu conterrâneo e hoje lente de filosofia medieval, jubilado, de Coimbra; Luís Amaro de Oliveira, professor modelar, autor de exemplares obras didácticas e ensaísta de escol, desaparecido há escassos anos, presença tutelar na minha formação humana e



COM JOSÉ CRUZ PONTES (LOUVRE, 1989)



COM MANOEL DE OLIVEIRA, EM HOMENAGEM A LUÍS AMARO DE OLIVEIRA

literária, desde o tempo em que, com 24 anos, ingressei no ensino oficial. A José Régio, porém, um espírito independente e rigoroso, tocado pelo génio, que pude seguir, dia a dia, ao longo da última década da sua vida, um homem que pensava para além do tempo, devo essa diferença que sinto em mim, para melhor, e que não teria se não o houvesse conhecido. As nossas conversas de sábados — tertúlia alargada, de que faziam parte Orlando Taipa, Luís Amaro, Flávio Gonçalves e Pacheco Neves — são irreproduzíveis, mas ainda hoje,

pelo vinco deixado, me fazem sentir a sua tutelar influência: nos juízos sobre os outros, na ponderação dos problemas que se vivem e discutem, na sensibilidade à Arte e à Literatura como expressão do humano; na compreensão e tolerância, pelos que, religiosa e politicamente, não perfilham as nossas opções.

*

Nesse campo de contactos culturais, destaca-se, para além da profunda amizade, a colaboração com o cineasta Manoel de Oliveira. Foi consultor de vários dos seus filmes e ajuda-o a preparar a sua próxima longa-metragem, sobre a figura do Pe. António Vieira, colaborando no respectivo guião. Como encara essa colaboração? Como vê o papel de cineasta representado por Manoel de Oliveira?

Depois da morte de Régio, esse vazio que senti teve a compensá-lo a presença de Manoel de Oliveira, sempre mais próxima, semana a semana, há quase trinta anos. Homem de formação diferente, mas um artista genial, dá-me sempre a percepção de uma originalidade, de uma frescura, de uma força criadora que me prendem e fascinam. Tenho com ele colaborado em vários projectos, muito mais estreitamente do que pode supor-se. Construímos agora, pedra a pedra, degrau a degrau, se assim me posso exprimir, um filme sobre essa espantosa figura do Pe. António Vieira, homem da palavra e da utopia, que enche, de ponta a ponta, todo o século XVII. Tudo que sei e sinto sobre Vieira é posto à disposição do Ma-



NUM JÚRI ACADÉMICO (PROVAS DE AGREGAÇÃO DO PROF. A. M. HESPAHNA)



NO RITUAL DA «QUEIMA DAS FITAS»

noel de Oliveira, como se fosse uma matéria-prima com que se há-de esculpir a figura de um homem contraditório, mas um prodígio de humanidade, mesmo tendo em conta as suas fidelidades de eclesiástico à disciplina, a certa mentalidade congreganista, e à cultura do tempo, apesar das aberturas que as suas vivências e itinerários cosmopolitas lhe proporcionaram. Manoel de Oliveira é um artista que se assume por inteiro. Colaborar, aqui, é apenas proporcionar meios, nunca substituir no que quer que seja um cineasta, intimista e criativo, que tudo em que toca transforma num acto de reflexão e beleza.

*

O Pe. António Vieira é, por outro lado, uma paixão de sempre na sua obra, dado o lugar axial que o pregador e cultor da língua portuguesa ocupa na sermonária barroca, nomeadamente no período da Restauração, como visionarista do Quinto Império ou como defensor dos índios do Brasil. Quem foi, para si, Vieira e como gostaria de o ver representado?

Mais do que um homem da Igreja, Vieira foi um ser capaz de entrar em sintonia e simpatia com os dramas individuais e sociais que ele sentiu, viveu e procurou resolver, solidário com os injustamente perseguidos, na di-

menção do homem religioso, que foi sempre e antes de tudo, e do patriota identificado com a idiossincrasia da Nação, a cujo destino se julgava acorrentado. Génio da palavra, é pelo sortilégio das palavras que nos subjuga. E é a isso que não posso deixar de reconhecer, até pela minha própria natureza de comunicador, que fico inteiramente rendido.

*

No desfiar dos dias, o limite de idade, limiar burocrático em que o funcionário do Estado sente o agradecimento pelos serviços prestados. Para Vitorino Nemésio representou apenas um mote para glosar, um pretexto para continuar a dedilhar a música das palavras nos poemas de sempre, para saborear melhor a análise literária na jogo da sagesa. Quais são os projectos do investigador João Marques, uma vez jubilado do serviço docente?

Quando o espaço percorrido nos permitiu tantas experiências e conhecer tantas perspectivas culturais, os projectos cada vez se multiplicam, à medida que o fim se aproxima, mas é sempre maior a sensação de que pouco nos será dado ainda fazer. Actualmente estou a ultimar a colaboração para o *Dicionário de História Religiosa de Portugal* e a preparar o segundo volume da *História Religiosa de Portugal*, que co-oriento, a editar pelo Círculo de Leitores. Sinto, porém, que viver é, para mim, sobreviver por mais ingratas ou encorajantes que sejam as circunstâncias. Ao que ainda gostaria de realizar, pertencem dois projectos maiores em que desde há anos trabalho: uma *História da Parenética Portuguesa*, escrita e publicada, e um estudo *O Confessor Régio em Portugal*. Migalhas dos dois tenho publicado, mas acalento a esperança de erguer o conjunto. Parafrazeando Vieira, diria que choupanas são o que fizemos; altos castelos os projectos que ficam a meio caminho do sonho.

JORGE
FERNANDES
ALVES / JOÃO
FRANCISCO
MARQUES